

# ALFARRÁBIOS

2016 © ssquerdosautorais

## Fanzine

foi impresso por Armazém de Quinquilharias e Utopias  
responsável: Paulo de Carvalho

Contato

55 21 99556-1007

[armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com](mailto:armazemdequinilhariaseutopia@gmail.com)

Utopia

Brasil

Maio | 2019

# Andreia Borges da Silva

Funcionária pública, escritora. Teve um conto selecionado para a Antologia Novas Contistas da Literatura Brasileira, da Editora Zouk em parceria com a Casa da Mãe Joanna.

É autora do blog cultural: [www.mardevariedade.com](http://www.mardevariedade.com)



## Samba e Amor

Saio a andar pelas ruelas da cidade. Todas enfeitadas. Muita serpentina e purpurina.

Não moro mais aqui. Moro em uma cidade grande, onde as pessoas não se conhecem.

O carnaval lá é diferente: a cidade também fica enfeitada, mas a gente não consegue percorrer todas as ruas. Um bairro é muito distante do outro. Já aqui no interior, além de conhecer quase todo mundo, ando pela maioria das ruas, brinco, cada hora encontro alguém com quem já pulei o carnaval outras vezes.

Ando distraída a observar cada enfeite. As coisas não mudaram tanto assim, desde que fui embora.

O Seu Mário me ofereceu uma cervejinha. A Dona Doca me gritou lá da janela para que eu vá no baile de máscaras.

## ALFARRÁBIOS XIII

Esse baile é muito tradicional na cidade. Quando morava aqui, não perdia um. Tenho tanta história para contar do baile. Namorei muito, me diverti muito, também.

Acho que as pessoas mudaram a forma como se divertem. Antes, a gente se encontrava mais, ia mais um na casa do outro, ou talvez isso seja coisa do interior.

Já usei várias fantasias diferentes nos bailes: índia, baiana, princesa, bailarina, pirata, palhaça, entre outras. Beijei muito. Quantas histórias!

Esse ano eu vou me vestir de Colombina. Acho que é uma das poucas fantasias que ainda não usei. Tia Simone foi quem costurou a fantasia para mim. Ela caprichou em cada detalhe. A Tia disse que vou arrasar e que vou encontrar o meu Pierrot.

Minha tia não desiste de tentar me casar com alguém da cidade. Já tive meus namorados aqui. O namoro que durou mais tempo foi com o Robson. Chegamos a noivar, mas quando fui morar longe, nossa história não resistiu à distância. São águas passadas.

Bem, está chegando a hora. Vou buscar minha fantasia na casa da Tia Simone e me aprontar para a festa.

Estou muito animada!

Que legal! Está tocando “A Banda”, de Chico Buarque, no trecho de que mais gosto: “Estava à toa na vida, O meu amor me chamou, Pra ver a banda passar, Cantando coisas de amor.”

Olha ali o trenzinho se formando.

## ALFARRÁBIOS XIII

O grupo atravessava o salão. Senti alguém segurar minha cintura. Olhei para trás e não consegui reconhecer a pessoa, que estava vestida de Pierrot.

Depois de um tempo, o Pierrot me puxou para dançar. Ele sorria muito. E me perguntou se eu não me lembrava dele. Demorei a reconhecer o Ivan. Foi um namoradinho de escola. Que grata surpresa!

Enquanto dançávamos, começou a tocar “Noite dos Mascarados”, do Chico Buarque. Então, voltei a ser aquela menina, que já tinha dançado essa música em outros bailes de carnaval. E cantávamos um para o outro. “-Eu sou Colombina! - Eu sou Pierrô!”.



# Andreia Maraglia

Psicóloga, especialista em psicologia clínica, amante da vida.



## Conversa com o Poema

Estava sentada em um banco de praça ao fim da tarde, observando o cotidiano e ele sentou-se ao meu lado. Perguntei seu nome e me disse que era o Poema. Vestido de linho branco, sapatos bicolores e, nas costas de seu paletó, uma pintura de asas de anjo. Um boêmio querubim. Trazia no olhar o desejo de contar sua história. Chegou de mansinho, sem fazer barulho. Estava sereno, respiração leve e olhar profundo. Olhou-me nos olhos e percebeu que precisava me dizer muitas coisas. Ele intuiu que eu precisava compreender seu destino neste mundo. Eu ainda não sabia de sua natureza e, por isso, convidou-me a triilhar com ele os caminhos do sentir. Aceitei o convite.

Olhou o horizonte e, sorrateiramente, disse que escreve forte por linhas sutis. Revelou que subverte a linhagem dos objetos do mundo. Advertiu-me que o nome das coisas, para ele, não encerra as coisas em si. É metafórico, muito metafórico. Enfático, me disse que ele é a própria metáfora. Surge de um olhar que transforma chuva em lágrima, ar em voo, vazio em presença, ventania em esperança. Emerge, incorporado no poeta, sob um olhar flutuante que prioriza o sentir. Alega que gosta de despertar emoções.

Eu queria explicações concretas sobre seu modo de ser, mas ele me disse que isso é impossível. Ele não é nada pragmático e regular. Antes de submeter o mundo à lógica, declara que cria harmonia no lapso, abertura de sentido no vácuo das horas. Não respeita o tempo cronológico. Dá importância ao tempo do coração, ao tempo dos sentidos. Disse também que pode buscar emoções em pequeninos detalhes que passariam ao largo de nossa rotineira percepção. Cria existência para os detalhes. Coisa de Poema.

Nesta conversa argumentou que é preciso quebrar padrões para olhar o todo. Buscou então meus olhos para sentir se eu o compreendia. Estava falando do antagonismo entre ele e o mundo racional contemporâneo. Ficou exaltado ao dizer que este mundo não abarca a existência humana em seus rasgos de insanidade. Franzindo a testa, afirmava que o mundo atual abandona a loucura da vida, esquece do todo e deixa de lado a emoção. Para o Poema, o mundo tenta vorazmente fazer sorrir, incitando o consumo e modelos de felicidade. Cria expectativas e demandas de perfeição: corpos esculturais, títulos acadêmicos, bens materiais, carros e celulares. Automatismos.

Pensa que o mundo fracassa tentando esconder a tristeza não abrindo espaço para a lágrima, para o choro que necessariamente deve interromper sorrisos artificiais. Não são sorrisos de verdade, ele diz. Profundo, citou outro querubim boêmio, Vinicius de Moraes, que dizia que a felicidade é um intervalo entre duas tristezas. Sustenta que é preciso não ignorar a tristeza e que sem o choro não pode existir sorriso verdadeiro. Emocionado disse que, ao contrário dos desacertos do mundo, leva em conta também a dor que faz a poesia cada vez mais bela. O Poema é convicto de que todos os sentimentos precisam ser considerados e devem estar disponíveis para o seu ofício.

Por um instante, aproveitando minha distração ao olhar um pássaro, lembrou-se de um de seus preciosos materiais de trabalho: a natureza. Falou que ela lhe empresta a vida que pulsa em

nossas veias, oferece o silêncio das palavras e compartilha conosco turbilhões de sentimentos falantes. O poema considera a natureza o barulho mais silencioso do mundo. Disse que ela nos leva para o nosso interior. Coisa que pulsa, transborda. Não cabe em si. Sorriu e disse:

-Coisa boa é a natureza! Tantos ciclos de morte e vida em constante vibração! Ela mostra ao homem sua pequenez e sua altivez. Sua força e sua vulnerabilidade. A ciência explica a natureza e eu, ao contrário, sinto. É por aí que caminho. Colhendo o pulsar das sensações, descrevendo o indescritível.

Vi em seu rosto um grande entusiasmo por estar me dizendo todas essas coisas. Perguntei então o que ele considera indescritível. Ele respondeu que o indescritível é a sensação que não tem nome. É aquilo que perde a graça se for colocado em categoria. Perde o mistério. E o que é o mistério? Pergunto novamente. O mistério, diz o poema, é a vida, é o que nunca poderá ser explicado. A vida, ele diz, é maior que as palavras. É enigma, arrepio, soluço, gargalhada, serenidade, raiva, silêncio, turbulência, cores, sabores de coisas que não têm nome. Ela não é nada, ou melhor, é tudo o que você quiser que ela seja.

A vida, no universo da poesia, é imaginada por aquele que lê o poema, continua. Diz que a vida não cabe em nenhuma palavra, mas acredita que nele ela vive. Disse-lhe que desta vez encontrei uma contradição em seu discurso: Atentei para o fato de que, para revelar a emoção, ele usa palavras. Ele nomeia o inominável. Retruca dizendo que a palavra, em seu corpo (o corpo do Poema), funciona de uma outra forma: Explica que a palavra em poesia é um recurso valioso para romper barreiras, para desconstruir. Lembra que a palavra, dentro dele, não nomeia ou classifica, ela constrói mistério, torna-se enigma. E diz:

-Ela rompe o seu significado, cria infinitas possibilidades de sentido, fura o céu. A palavra pode ser o que o poeta quiser: imagem,

som, sabor, música, sentimentos. Pode existir em tudo o que alcança o olhar, mas é preciso sensibilidade.

Sobre o poeta, conta que são inseparáveis. O poeta é o Poema, e o Poema é o poeta. Espantei-me com isso e ele me explicou que só pode existir poesia pelo olhar raro de um poeta que empresta, a outras subjetividades, todas as interpretações possíveis. Por quê? Indaguei imediatamente. Ele respondeu:

- Porque a palavra em mim é aberta e não é uma coisa só. Eu, o Poema, ofereço as palavras para que cada homem, em sua particularidade, possa dar-lhe um sentido. Assim, através da alma do poeta, sou infinito, transcendente. Sou abertura de possibilidades.

Ficamos algumas horas a flutuar por estes caminhos e uma festa de sensações tomou a praça em que estávamos. Ele havia plantado dúvidas. Eu, que não tinha o hábito de apenas sentir, queria respostas. Mas vi meus pés desaparecerem. Neste instante nasceram-me asas.

E ao sentir meu olhar voar sobre as montanhas que pretendem alcançar o céu, me deu um último conselho:

- Abandone os porquês. Sinta. Vou e volto amanhã.

---

[narrativasdotempo.blogspot.com](http://narrativasdotempo.blogspot.com)

[www.facebook.com/AndreiaMaragliadaSilva](http://www.facebook.com/AndreiaMaragliadaSilva)



**A cabeça**

Aquela triste cabeça apareceu rolando pelo morro.  
Uma expressão de horror parecia estampada no  
rostro dela.

Foi encontrada por alguns meninos que brincavam  
por ali.

Chiquinho sempre foi o mais engraçado da turma.

- Pronto! Agora já tem bola pra gente jogá.

Toninho, sempre cagão.

- Tá loco. Vai fazê o que, Fumaça?

Fumaça tava mexendo na cabeça com um pedaço  
de pau que encontrou por perto.

Hugo correu até a birosca para avisar seu pai sobre  
o achado. O velho já virava a quinta dose de cana  
da manhã.

Até o dono da birosca foi ver.

Logo a notícia se espalhou.

Dona Miúda apareceu em desespero.

- amsjsndhbdshs... hxsbxm,bx...

As palavras saíam incompreensíveis pela boca  
arreganhada, banhada pelas lágrimas e pelo ranho  
que brotavam em profusão.

- Meu filho... Tanto te falei...

Entenderam todos em algum momento.



## beleza seletiva

lugar maravilhoso  
uns comem bem  
outros roem osso

terra mais linda  
uns morrem na lama  
outros passam por cima

povo hospitaleiro  
os que andam de iate  
ignoram os que não têm banheiro



## Brasa mórbida

Assisti seu corpo caindo de cara no chão  
Vi sua mente dilacerada  
sem reconhecer o irmão

O frio bate forte  
nessa cidade triste  
sem espaço para mim ou você

Percebi quando mataram aquele pequeno bebê por ser um índio  
Fechei os olhos para não ver o espancamento do pedinte  
Tentei me enquadrar, mas o cheiro de sangue não permitia

Não consegui absorver

a crueldade  
do bem sucedido

Não quero participar de mais este linchamento  
Não quero me preencher com todo excremento  
Não posso ser mais um isento

Assisti aquela menina  
se deteriorar em todo caos  
enquanto ordinários assinavam novas leis

O garoto dorme novamente com fome  
O homem vira fera  
pior que o lobisomem

As flores estão murchas  
e as frutas podres  
como todas estas mentes torpes

As pessoas agem como se estivesse tudo certo  
A ignorância é o passe para o cidadão de bem  
Seja parte e se torne um inseto

Que os insetos me perdoem



\*lançou zines, jornais, PDFs, organizou eventos, fez programas de rádio, produziu vídeos... Entre suas realizações está o zine Reboco Caído, ganhador do prêmio Fanzine 2016, no 2º Gibifest de Alvorada. Na área dos livros lançou Um Ano de Berro – 365 dias de fúria, Reboco Caído – Reflexos e Reflexões, Salada Cascuda, Palavras Marginais, Vomitando sangue e Futuro Cemitério. Ainda temos os e-books Escritos Malditos de Uma Realidade Insana e Sobre uma sociedade decadente. Para conhecer mais o contato é pelo e-mail [fsb1975@yahoo.com.br](mailto:fsb1975@yahoo.com.br)

**causa mortis**

Não sei se foi o frio, o cansaço, ou algo que o devorava por dentro, mas aquela noite estava o próprio gelo. O vento cortava, entrando por sua roupa. Parecia estar nu. Andava ziguezagueando na calçada. Os braços cruzados, bem apertados contra o corpo curvado, todo encolhido. Não sabia se era pior o frio da madrugada ou da solidão, a fome de comida ou de existir, a sede de água ou de viver. Não lembrava a última vez que tinha comido, dormido ou bebido água. Só podia andar daquele jeito estranho tentando não congelar. Dia e noite = andar e andar. As casas trancadas, nenhuma janela aberta. Passou por um prédio com uma luz acesa no primeiro andar. Mesmo com a janela fechada, podia ouvir vozes e risadas. Devia ser uma festa, com comida e tudo. Deviam ter um aquecedor. Parou para apreciar um pouco, mas logo o frio pôs novamente suas pernas em movimento. Tentava dobrar ao máximo os joelhos para dar passos altos. Era quase uma dança macabra daquele corpo esquelético coberto por trapos.

No dia seguinte encontraram seu cadáver estendido sobre sacos de lixo. Causa mortis? Ninguém sabe se foi o frio, o cansaço ou algo que o devorava por dentro.



# Hilário Francisconi

Natural da capital do Estado de São Paulo e radicado em Niterói/RJ desde os 10 anos de idade. Membro titular da Academia Niteroiense de Letras, licenciado em Língua Portuguesa/Literatura Brasileira e jornalista com registro 36682/RJ, sempre trabalhou em áreas administrativas do serviço público, até aposentar-se, em 2009, pelo Tribunal de Justiça/RJ, onde exerceu o cargo de Analista Judiciário.

Possui os cursos de Letras, Formação em Psicanálise Clínica (IBPC), criação literária, dramaturgia com ênfase em roteiros (Curso José Louzeiro de Dramaturgia), Formatação de Roteiros - Master Scenes – curso ministrado pelo roteirista inglês Hugo Moss, e sua obra compreende crônicas, contos, novela, poemas, peças para teatro, ensaios, humor, Haicais, literatura infantil, argumentos com roteiros para curtas- metragens e assina a coluna “A Psicanálise no Divã” no Jornal Santa Rosa, Niterói/RJ.



## SÉRIE “CRÔNICAS HUMORÍSTICAS”

### 2. do materialismo.

A questão do materialismo não é matéria fácil. Muitos já foram reprovados nessa matéria, mas recuperaram-se nas aulas extras dos Cursinhos de Além-vida. Não sou espírita praticante, mas aprendi na prática a respeitar até mesmo o que não vejo!

As teorias da Física Experimental já experimentaram de tudo e, parece-me, contra elas não há contestações. Digo “parece-me” apoiado em uma contradição: “matéria é tudo aquilo que ocupa

um lugar no espaço”. Ora, o que dizer do gordachudo que ocupa dois lugares no coletivo?

Mas voltemos um pouco (só um pouquinho, porque voltar um pouquinho é voltar chiando): o primeiro casal do mundo foi um par comunista por excelência. E não somente par, mas ímpar também. O casal 20 (há 20 mil séculos), que vivia uma vida em comum, de comum acordo e em comunhão de bens que não possuíam, ignorava a existência da alma no corpo e seguia a doutrina que identificava na matéria a realidade fundamental do Universo. Sem alternativa para a escolha de uma religião, porque não tinham acesso ao “Google”, o casal encontrou na matéria o único meio de superação de seus conflitos, o que resultou na revolução contra os desígnios de Deus que logo os despachou para os quintos dos infernos. Lá, os dois passaram a comer dos pães franceses encomendados à Confeitaria “Amassaud”, que vinham já pisoteados pelo capeta.

Idealismo, teísmo e espiritismo não se coadunam com a matéria, esta substância que originou o materialismo dialético (matéria com baixo teor de açúcares), uma corrente a que estiveram acorrentados os seguidores de Marx, segundo a qual a história humana não é senão a própria história natural: “do caos viemos e ao caos retornaremos”, como se isso tudo fosse muito natural.

Ainda de acordo com esses elos dialéticos, o homem não teria nenhuma razão de ser e nenhum destino além do retorno à matéria. Em “além do retorno”, entenda-se “A Lei do Retorno”.

De axiomas marxistas, retiramos o entendimento sobre a luta de classes : por não haver assimilado a matéria, o homem retorna a ela com todas as suas lutas e tantas vezes quantas necessárias até sua aprovação em nova classe. Mas espere um pouco: falamos de currículo escolar ou da doutrina espírita?

## ALFARRÁBIOS XIII

Seja como for, quer o homem um mero resultado da evolução das espécies - como entendeu Darwin -, quer um sopro divino nas pausas da melodia cósmica, será ele, indubitavelmente, um ser dúbio, com suas eternas dúvidas e aviltantes dívidas.

Claro, para o Bem ou para o Marx...



# João Ayres



poeta, contista, romancista, compositor e cantor de samba de raiz, jazz e blues. Assina parcerias de Blues e Jazz com Paulo Ferro, Renato Zanata, Léo Fernandes, Thiago-Ajary. Assina parcerias de sambas de raiz com Delcio Carvalho, João de Abreu Borges, Léo Fernandes, Vitor Juliani, Helena Bruzzani e Maestro Mazzoni.

Foi membro do Gamboa Samba e Poesia como vocalista e compositor, com shows no Morro da Conceição, na Lapa, Teresópolis, na região oceânica em Niterói e na Casa da América Latina nas Laranjeiras. É responsável pela biografia de Delcio Carvalho.

Está no cd profissão compositor juntamente com Mário Lago Filho, Sérgio Fonseca, Zé Ketí, Luisão Maia e outros. Publicou POEMAS DO RASGO DA HORA, POEMAS EM RISTE, POEMAS EM CORTE PROFUNDOS, POEMAS MALDITOS e recentemente POEMAS ESCUROS pela editora Armazém de Quinquilharias.

É também líder de sua banda de jazz e blues (JOHNNY B AND) e de seu grupo de samba (João Ayres Samba de Raiz);

Em breve lançará pela Armazém de Quinquilharias seu romance

Gramática do Crucial do Desespero e o livro de contos Histórias para nenhum boi dormir.

**POEMAS BESTIAIS E SONÍFEROS.**

**456**

Escolhi tarde da noite o número)

456 que se somado resulta em 15 cabeças de porco)

Cortadas e jogadas à mesa apenas com sal e pimenta)

E mais este tanto de angústia sorvida no chá da tarde.

Em quatro dias)

Em cinco meses)

Em seis longos anos)

Me tornei bestial e sonífero)

Dormindo e acordando em acordando e dormindo)

Com pés de onitorrinco e rosto de cavalo árabe)

Em algum lugar em minha alma)

Multipliquei e dividi tempos inviáveis.



**Abc)**

A letra a gerou o substantivo árvore)

Esta tal letra a que inicia o substantivo alfabeto)

Como quando a carne carrega as letras que ocultam)

Nas bocas que mordem o tal lagarto plano com batatas aos domingos.

A tal letra observou inerte)

O surgimento da letra b que gerou o que gerou)

A tal bebida ingerida por Deuses e Demônios afins)

Que desobedeceram ordens e comeram os filhos para saciar sua fome)

Entorpecidas no cerne ensaguentado do adjetivo voraz.

Da letra b para a letra c em cama)

Deitado ali em ele definhava adverbado em lentamente)

Ouvindo o som agourento de um pássaro escuro)

E mais a imagem de um túnel infundável tomado por um silêncio aterrador.

Cama em leito grosseiro)

Em soro e talvez não passe de hoje)

Em ele está como deve estar de acordo com.

Na mesma posição desde qualquer ontem tardio.



## Heirquo34

Meu nome é isso)

Como isso ou aquilo ou qualquer coisa qualquer.

Meu nome é

O que parece ser)

Em cor, aroma, gosto de comida na.

Cozinha,

Ou imundo ou fétido dentro do banheiro)

Em tampa do vaso)

Ou com cheiro de detergente, meu nome é o que parece ser em:

## ALFARRÁBIOS XIII

Meu nome, este nome qualquer que diz pouco deste mim)

Estirado no entorno como se fosse o que fosse)

Como se refletisse minha alma nas águas cristalinas)

Que sangram o além das palavras como pérolas atiradas aos porcos.

Meu nome é demonstrativo daquilo que não sei)

Meu nome no que jamais é em mim e nos outros)

Fuzilados à luz do dia por ordem de que quem quer seja)

Meu nome sem nome em isso ou talvez.



# Jordão Pablo de Pão

Escritor, publicou “O Mar do Meu Velho” (2018) e “Abre Caminhos” (2017). Produtor Cultural, Mentor de Escrita e Professor. Pesquisador da humanidade na arte e da constituição das academias de letras. Membro da Academia Niteroiense de Letras. Editor do blog [paopoesiaecafe.wordpress.com](http://paopoesiaecafe.wordpress.com).



## AFETO

barco a navegar  
água salgada e límpida  
não é nesta vida sua peleja  
seu vento agora é (e)terno

## ARTICULAÇÃO

joelho  
cotovelo

falange

patela

mas é o meu

coração

que é

pateta

## **BALANÇO PATRIMONIAL**

o mar avançou sobre as casas do litoral

tudo mansão, tudo poder, muita muita grana

o mar levou toda sorte de bens imateriais e de corpos

tudo ser humano, tudo gente, muita muita história

## **CAIXA ALTA**

silenciada nas conversações confortáveis,

amplamente explorada na ofensa pensada,

CAIXA ALTA não exime de julgamento

## CAUSOS

I.

Natan pagou o preço. Não disse o que sentia. Morreu engasgado.

II.

Felipe falava demais. Contou o que não viu. Sofre com os encostos.

III.

Davi participava da missa. Menos quando estava ocupado. Toda quarta tem amante.

IV.

Ricardo não olhou para o lado. Entregou-se ao sentimento por Helder. Não viu quando sua mala foi retirada de casa.

V.

Pablo escreve histórias. Cria personagens que falam de qualidades e defeitos. Seus olhos brilham pelos desvios da ficção.



## CONSCIÊNCIA

uma garrafa  
uma mensagem  
o mar  
o sentimento  
onde estiver  
estou aqui  
e isso me basta

## DE MENINO

na prateleira  
pegou um carrinho  
LARGA ISSO!  
É DE MENINO!  
pensei que brinquedo  
fosse de gente



# Jorge Piri



Ator, poeta e palhaço em construção. Possui três livros de poesia publicados “Outra Face”, “Colibri” e “O sorriso da Lua”. Participa dos diversos movimentos de literatura no Rio de Janeiro e no país. Em constante atualização, acredita na força da Arte como instrumento de transformação.

## **UM BEM, UMA MALDADE.**

Se você me quiser,

Eu serei pra você um abrigo,

Um acompanhante no café da manhã,

Um amigo.

Se você me quiser,

Eu serei de você um ladrão,

O seu ar poluído,

Sua piração.

Se você me quiser,

Eu serei pra você uma saudade,

Um beijo a solta,

Um bem uma maldade.

**SEM RAZÃO.**

Não sei tudo sobre o amor,  
Nem todas as formas de amar.  
Sei apenas que o amor começa  
Quando a razão deixa de ter razão.  
E aí, sinto-me a deriva,  
Como um barco que quebrou  
O leme depois de deixar o cais.  
Fico ao sabor das ondas,  
Da brisa de quem vier me amar.  
E amo de corpo inteiro,  
Sem medo, sem censura, sem razão.

**MUSA.**

O meu canto hoje é surdo  
E mudo está o meu pandeiro.  
Amanhã é fevereiro  
E o enredo eu não fiz.  
Desde que você partiu  
Perdeu meu samba  
A harmonia,  
Não fiz mais fantasia

Nem brinquei o carnaval.  
Lá na quadra da escola  
Rola cachaça, mulata e tamborim,  
Nem assim acha jeito  
Esse bamba.  
Falta algo no meu peito,  
Falta a musa do meu samba.

**CORAÇÃO VAGABUNDO.**

Não há mal nenhum  
Em ter no coração  
Amores vãos.  
Eu vou por aí  
E quero encontrar um lugar,  
Qualquer lugar,  
Onde possa viver  
Um coração vagabundo.  
Por isso eu vagueio por aí  
E não me canso de amar.  
Não há mal nenhum  
Em ter um coração vagabundo.

# José Antonio C e Silva

José Antonio de Carvalho e Silva  
Químico Industrial  
Engenheiro Industrial – M. Sc.  
Psicólogo Clínico  
Escritor  
Conferencista



## Finitude

Durante alguns anos, eu e um prezado amigo cultivamos um gosto comum: o de escrever crônicas e outras formas de manifestação literária, e postá-las, cada um em seu próprio blog. Sempre que fazíamos uma nova postagem alertávamos um ao outro, na expectativa do recebimento de uma generosa recepção. Nossos contatos eram basicamente no mundo virtual, eu o conhecia, assim como a sua família, mas nossos encontros físicos eram pouco frequentes. Circunstâncias da vida.

Esse amigo tinha uma escrita elegante e de grande apreço ao vernáculo. Deliciei-me, particularmente, em acompanhar a sua querela com Millôr Fernandes a propósito de uma crase, quando o grande humorista escrevia no antigo Jornal do Brasil. Millôr era conhecido por sua brilhante inteligência, talento múltiplo, humor ferino e domínio do idioma,

mas, também, por um temperamento irascível. Pois não é que o meu amigo ousou argumentar que não cabia uma crase em um texto do Millôr? Contrariando todas as expectativas, sua colocação foi educadamente recebida, embora contestada. Na tréplica, meu amigo apresentou novos argumentos contra a crase. Mais uma vez Millôr respeitosamente analisou a argumentação, concordou que ela era válida de um modo geral, mas que, naquele caso específico, cabia, sim, a crase. Assim era o genial Millôr, osso duro de roer.

As crônicas do meu amigo eram, ao mesmo tempo, ligeiras e de aguda percepção do ser humano. Prosa gostosa, delicada e ao mesmo tempo profunda. Era com muita alegria que eu as degustava e, ainda com mais alegria, que recebia seus elogios. Ele era de uma geração anterior à minha, eu ainda nos sessenta, ele já entrado nos oitenta, sobrevivera a muitos encontros com a Dama de Negro, descritos com senso de humor em seus textos, sempre ressurgindo com espírito jovem e estoicamente aceitando as adversidades da vida. Nunca temeu o dia em que partiria para sempre, escrevia sobre isso com naturalidade, sem qualquer receio ou amargura. Um dia ele faleceu, isso ocorreu há poucos anos. Não voltei a ter contato com seus queridos familiares, dentre ao quais já não se encontrava sua amada esposa, companheira de muitas décadas e que partira alguns anos antes dele.

Por que estou falando desse meu amigo? Creio que pela sensação da minha própria finitude. Inspeccionando a barra de “favoritos” em meu computador (mero acaso?), vi que o link do seu blog ainda lá estava. Curioso, fui ao blog, reli diversas daquelas crônicas, a última delas postada em 08 de maio de 2015. Meu amigo se fora, não haveria mais crônicas naquele espaço. Sensação estranha para mim. Diferentemente de um livro, e ele escrevera alguns, um produto pronto e acabado, um blog é um organismo vivo, em frequente mutação. Certa feita li que uma pessoa sobrevive à

própria morte enquanto sua lembrança permanecer na memória de alguém. Obviamente não se falava de personalidades históricas como Napoleão Bonaparte, Abraham Lincoln, Lev Tolstói, Albert Einstein, Beethoven, Aristóteles e um vasto ciclo de personagens que, em suas áreas de atuação, deixaram marcas indeléveis na História, mas, sim, das pessoas comuns, aquelas que foram importantes tão somente para um limitado séquito de parentes e amigos. Livros escritos por essas pessoas estariam condenados ao esquecimento nas estantes de seus descendentes e dos amigos, até o descarte final. Cartas, bilhetes e registros de sua presença em papel fotográfico teriam idêntico destino, assim como trabalhos arquivados, já na era digital, no HD de um computador pessoal, disquetes ou CD's. Todos esses artefatos, de existência física, mais cedo ou mais tarde simplesmente desapareceriam. Sobre essas pessoas, compondo a imensa maioria da humanidade, nenhum historiador jamais se debruçaria para discutir sua trajetória de vida, inclusive pela completa falta de material de pesquisa.

Mas, e um blog? Ele não tem existência física, é uma coletânea de dados registrados na nuvem. Mesmo que apagado do computador onde foi plantado, ele poderia ser acessado de algum lugar qualquer, ainda que congelado na última postagem, após o desaparecimento físico de seu autor, por um tempo indefinido. Não estaria, dessa forma, perpetuado? Mas, afinal, o que é a tal nuvem? É apenas uma metáfora. O conteúdo da nuvem é armazenado em um servidor, essencialmente um conjunto de HDs ligados em rede. Os prédios que abrigam os servidores, os data centers, estão espalhados em todo o mundo, são verdadeiras fortalezas, com vários níveis de segurança, tanto digital como física. Mas, é claro, não estão imunes a uma destruição provocada pela ação da natureza ou do homem, circunstância que vem preocupando a mente de cientistas afetos à Informática, à Física, à Matemática e a campos correlatos.

Um apagão digital poderia trazer consequências inimagináveis à humanidade.

Então, onde ficamos? Sejam religiosos, aqueles que creem na vida após a morte, ou ateus, a vida terrena um dia se extingue, e os traços deixados pelo comum dos mortais aqui no planeta mais cedo ou mais tarde, também se extinguirão. Desolador? Não necessariamente, embora esse pensamento possa nos entristecer por instantes. Certamente nossa partida será sentida durante um tempo indeterminado por aqueles com quem mantivemos um convívio de amor e de amizade. Mas, sobretudo, devemos evocar os nossos entes queridos que já partiram não através de sofridas lembranças, mas, sim, da graça de termos com eles compartilhado momentos de felicidade neste nosso efêmero caminhar pela existência.

12/03/2018



# José Glauco Ribeiro Tostes

Prof. Titular aposentado da UENF  
(Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro), no interior  
do Estado do Rio



## SÉCULO XVII EM DIANTE – CIÊNCIAS NATURAIS E HUMANAS: A ERA DAS GRANDES E “SIMPLES” THEORIAS CIENTÍFICAS

PROF. JOSÉ GLAUCO RIBEIRO TOSTES

“Giro um simples compasso  
e num círculo eu faço o mundo”  
[Toquinho, “Aquarela”]

O *mundo* é extremamente *complexo* a quem ousar tentar compreendê-lo. A era da ciência moderna – dentro da Modernidade Ocidental, a partir do séc. XVII – foi capaz de enfrentar, de um modo que nos parece original, este problema do conhecimento da “enorme complexidade do mundo”, de *cada* mundo (o mundo de *todo* o cosmos ou do universo, o mundo de *todos* os fenômenos biológicos, o mundo da história *universal* da humanidade a partir do trabalho de transformação da natureza etc.). Nosso objetivo no presente texto é dar um esboço da “era das grandes e ‘simples’ **teorias científicas**” que nos legou *uma* forma específica de cons-

truir teorias *suficientemente* simples para tentar compreender/explicar um mundo ou mundos *extremamente* complexos. Mas antes deste passo, vamos colocar três perguntas envolvendo o conceito de “teoria” e tentar ensaiar as respectivas respostas.

Primeira pergunta: o que é *uma* “teoria” numa primeira e simplificada aproximação? Uma grande e específica explicação ou narrativa aplicada, de modo abrangente, a um daqueles “mundos”. Uma enorme compressão de todas as informações contidas em cada “mundo real” ou “mundo verdadeiro”.

Segunda pergunta: qual a origem *etimológica* (significado original) da palavra “teoria”? Ela provém da palavra grega “theoria”, que por sua vez, tal como “theatai” (teatro), possuem o radical grego comum “theos” (deus). Este “deus” provem por sua vez da mitologia pagã grega, dos deuses do Olimpo apreciando o espetáculo – lá do alto do Monte Olimpo – da trágica vida humana cá embaixo. Daí o significado de “theoria” (vamos manter o “h”) provindo dos antigos gregos: uma visão abrangente, completa mesmo, daquele espetáculo (notaram os dois ingredientes de um “teatro”? A plateia e o palco?), ou, traduzido em termos atuais, daquele “*mundo*” da sociedade humana.

Terceira pergunta: e, afinal, o que é uma “teoria *científica*”? Dito de modo extremamente simplificado, é uma *theoria* construída a partir do “*método científico*”, que, do séc. XIX em diante, pretende-se: (a) puramente *laico* (não religioso) e (b) sujeitando qualquer teoria à crítica (comprovação ou falsificação da teoria) por meio de evidências chamadas “*fatos*”. São as famosas “evidências empíricas”. Dito de outro modo, pretende-se que tal método, além de pedir à teoria para *explicar* fatos, lhe pede também que ela seja capaz de *prever* novos fatos [Não se engane: a exigência rigorosa, (a), de laicidade já *impede* que o cientista possa sequer partir, em (b), de fatos “puros”, isto é, *totalmente* isentos da contaminação prévia e circular de qualquer teoria. Mas, no momento, esqueça

esta curiosa circularidade da ciência moderna, provocada, entre outras coisas, pelo rigoroso postulado da laicidade da ciência].

### MECÂNICA NEWTONIANA (final do séc. XVII)

Esta “nova era das grandes e simples theorias (incorporamos o “h”) científicas” se abre na Europa pela via da nascente ciência moderna dos sécs. XVII-XVIII, mais especificamente se abre pela via da *primeira* grande, abrangente, teoria da nova ciência gerada pelo “novo método científico” do séc. XVII: a **Mecânica Newtoniana** (MC-Mecânica Clássica). Vejamos uma síntese de um “velho” Prêmio Nobel da Física, Eugen Wigner [Harrison, 1981]:

O mundo é muito complicado e é claramente impossível à mente humana compreendê-lo completamente. O homem, portanto, criou um artifício que permite que a *complicada* natureza do mundo seja descarregada em algo que chamamos de **acidental** e assim lhe permite abstrair um domínio no qual leis *simples* possam ser alcançadas. As *complicações* são chamadas de **condições iniciais**. O domínio das *regularidades* [e, afinal, da *simplicidade*, é chamado de], as **leis da natureza**.

Para um melhor entendimento da Mecânica Newtoniana, teoria que lida com o movimento ou trajetória (no *tempo*) de corpos materiais (no *espaço*) de qualquer tamanho e massa, vamos distinguir aí o domínio das *complicações* [condições iniciais] e o domínio das *regularidades/simplicidade* [leis da natureza]. Seja o Neymar batendo uma falta. Posso prever com *exatidão* a trajetória futura da bola até a baliza do adversário se, de um lado, eu posuir (a) as “**leis newtonianas da natureza**”, e, de outro, (b) as

“**condições iniciais**” do chute de Neymar. Aquelas leis, de um modo simplificado, consistem da equação geral do movimento dos corpos no universo: para apenas um corpo (a bola), esta equação é a força total que age sobre a bola desde o chute inicial até antes dela tocar nas redes, ou seja, força ( $f$ ) = massa ( $m$ ) da bola vezes a aceleração ( $a$ ) [isto é, a sucessiva variação de velocidade da bola]. Isto é,  $f = m \cdot a$ ; em primeira aproximação a força que age sobre a bola após o chute é a força da *gravidade*, ou seja, a lei da gravitação **universal** entre cada par de massas de *quaisquer* corpos ao longo de **todo** o universo. É a *mesma* a lei da queda da maçã na cabeça de Newton, da trajetória da bola de Neymar e da atração entre a Terra e a Lua.

“Resolver” esta equação para o chute do Neymar implica em achar sua solução matemática para a trajetória da bola, chutada pelo jogador, ao longo de um intervalo de tempo. Para *seleccionarmos* esta trajetória específica dentre um número infinito de trajetórias possíveis é preciso o outro ingrediente acima apontado: as *condições iniciais* [ou estado inicial da bola] do chute do Neymar (a exata posição inicial da bola parada e sua exata velocidade inicial imprimida quase que instantaneamente por ele; o mais fácil é *medir-se* diretamente essa velocidade inicial). Esta trajetória *prevista* teoricamente vai então ser essencialmente aquela que vai ser seguida pela bola *real* no jogo. O que há de “complicado” em tais condições iniciais? Nada. Tratou-se apenas de *uma* “partícula”: a bola. Pergunta: e se quisermos aplicar a lei  $f=m \cdot a$  para *todas* as “partículas” do universo, em cada instante, e assim prever todo o *futuro* universal (ou, todo seu *passado*)? Aí complica! Você vai ter que contratar um “Neymar cósmico”, que num *mesmo* dado instante inicial,  $t_0$ , consiga medir todas as posições instantâneas iniciais e velocidade instantâneas iniciais de cada “bola” no universo inteiro. Não existe esse “Neymar cósmico”.

Podemos agora fazer uma modelagem geométrica dos três últimos parágrafos acima seguindo as quatro figuras – ver pag. seguinte – na ordem 1, 2, 3 e 4, da esquerda para a direita. *Primeiro* passo (fig. 1): a área interna do Círculo vazio, “desenhado pelo Toquinho” (vide a epígrafe no início do presente texto), representa simbolicamente todo o universo físico em toda a sua enorme *complexidade*, ao longo de toda a sua imensa *história* (passado, presente e *futuro*). *Segundo* passo (fig. 2): dividir tal círculo em duas metades iguais, desenhando um diâmetro vertical. *Terceiro* passo (fig. 3): separar os dois semicírculos e preencher o da esquerda com um pequeno retângulo; preencher o da direita com vários pequenos retângulos empilhados. No pequeno retângulo separado à esquerda insira a seguinte informação (“*leis da natureza*”):

**\*f = m.a** [a mesma simples equação somada para cada um de todos os corpos do universo; ver acima]

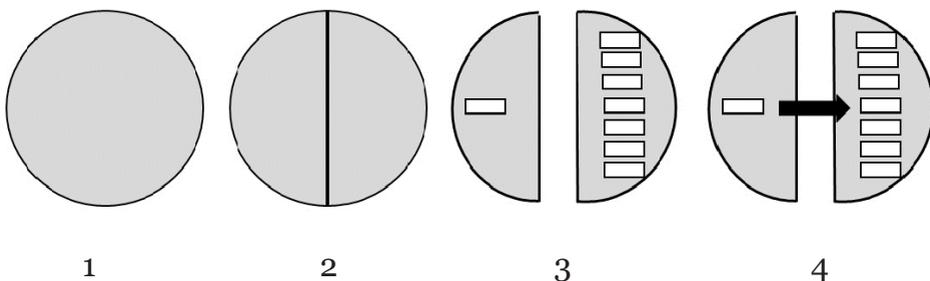
**\*lei da gravitação universal** [a mesma simples equação da força *f* da gravidade, somada para cada par de corpos interagindo no universo]

Ou seja, no semicírculo esquerdo o universo foi comprimido em informações de uma extrema **simplicidade** matemática, ficando a enorme **complexidade** restante do universo para a “impossível” medida das *condições iniciais* (posição e velocidade) constituída pelo conjunto de cada um de todos os corpos do universo num mesmo instante, no semicírculo à direita. A diferente condição inicial (posição e velocidade) para cada corpo do universo é então representada por um pequeno retângulo empilhado à direita. Repetindo o que foi dito acima, aí distinguimos o domínio das *regularidades/simplicidade* [leis newtonianas da natureza] e o domínio das *complicações* [condições iniciais, que podemos escolher aleatoriamente dentre o conjunto de todos os corpos do universo arranjados em diferentes configurações espaciais, “fotografadas” cada uma em um diferente instante]. Em termos filosóficos, aí temos, respectivamente, o domínio da **necessidade** (do que “tem

que ser”, da lei científica simples) e o domínio do **acaso**, do **acidental** (do que apenas “pode ser”).

Mas pergunta-se: que “vantagem Maria leva” com tal partição do círculo total extremamente **complexo** do mundo físico em um círculo do domínio da *simplicidade* das leis newtonianas da natureza e em um círculo da “restante” *complexidade* das condições iniciais representada pela escolha aleatória, em um dado instante, de uma das infinitas configurações espaciais de todos os corpos do universo? Aí entra o *quarto e último passo* (fig. 4) envolvendo a última figura no lado direito: acrescentar o desenho de uma simples **seta** partindo do semicírculo **da** esquerda **para** o da direita. Esta seta simboliza uma *articulação* específica – através de uma *direção* específica – entre os dois semicírculos.

Respondendo à pergunta do parágrafo anterior: os imensos e complexos dados envolvendo as condições iniciais em um dado instante não possuem *autonomia* nem *história* nem *luz* por si próprios. Esta luz se lhes vem – em princípio – do outro semicírculo, das “leis naturais”, do lado das “regularidades/simplicidade”; é o lado das equações das leis newtonianas da natureza. São



elas que “determinam” como serão utilizados os dados – *complexos* – das “condições iniciais” do lado direito: a seta simboliza esta operação de determinação. Estes dados serão abstraídos e permitirão a solução das equações matemáticas das leis naturais levando ao movimento ou *história* total daquele sistema constituído por

todos os corpos no universo – em direção ao futuro ou ao passado – a partir daquele específico estado inicial do sistema no semicírculo da direita. Vamos passar agora a aplicar estas mesmas ideias, esquematizadas nas figs. 1, 2, 3 e 4, para outras duas *theorias*, envolvendo “mundos” ou “universos” distintos deste caso, que acabamos de tratar, de todos os corpos do universo da *física*.

Trata-se: de (a) uma *theoria* que pretende açambarcar **todo** o mundo ou universo ou sistema, do passado em direção irreversível ao futuro, dos fenômenos da vida – *biologia* – numa “história natural” (Darwin, teoria da evolução – **TE** – das espécies, 1859) e de (b) uma *theoria* que pretende açambarcar **todo** o mundo ou universo ou sistema dos fenômenos da *história*, envolvendo passado, presente e *futuro* da humanidade, na direção irreversível do passado para o futuro (Marx, materialismo histórico – **MH**, 1859).

### TEORIA DA EVOLUÇÃO DAS ESPÉCIES (1859)

Podemos, doravante, tentar superar, em parte ao menos, a extrema complexidade dos fenômenos da *vida*, complexidade essa a partir de agora simbolizada dentro do círculo da fig. 1. Tal como no caso da Mecânica Newtoniana, vamos introduzir na “caixinha” do lado esquerdo da fig. 3 uma extrema *simplificação* na ciência biológica: escreva ali dentro da caixinha única: “Teoria (ou melhor, *theoria*) da evolução [TE] das espécies por *seleção natural via mutações aleatórias*”. Este é o núcleo central original da TE das espécies de Darwin (1859). Do lado direito as múltiplas caixinhas simbolizam a enorme complexidade restante de *toda* a biologia. Finalmente, na fig. 4, a direção da seta indica que o núcleo extremamente **simples** da TE no semicírculo à esquerda tem papel *determinante* (ainda que papel não absoluto] atravessando **todos** os intrincados e **complicados** fenômenos biológicos no semicírculo à direita. Ou seja, o conteúdo do semicírculo à direita não possui autonomia teórica própria.

## TEORIA DA HISTÓRIA: MATERIALISMO HISTÓRICO (1859)

Finalmente vamos adentrar as ciências humanas: HISTÓRIA. Mais especificamente: história **universal** da humanidade, desde o alvorecer das sociedades *agrícolas*. Mais especificamente, uma teoria da história universal que além do passado e do presente lance certas linhas de força que serão admitidas prolongar-se indefinidamente (de modo *estrutural*, não apenas *acidental*) no horizonte da sociedade *futura*. Ou seja, uma teoria que mira a **totalidade** da história humana. Como, aliás, convém a uma... **teoria!** É o *Materialismo Histórico* (MH) de Marx.

O MH está centrado em dois conceitos chave articulados via metáfora da engenharia civil: uma **infraestrutura material econômica** (os “fundamentos” estruturais de um edifício; apenas centrados, na linguagem da academia, numa *disciplina*: economia) e uma **superestrutura imaterial político-ideológica** constituída de *todas as outras disciplinas* (política, ideologias, direito, filosofia, ciência, artes, religião, “consciência” ou psique e toda e *qualquer* nova disciplina que não possa ser “despejada” na área da *economia*). Em síntese, a superestrutura toda do “edifício” social se ergue apenas sobre seu fundamento ou infraestrutura **econômica**.

Voltando às figs. 1, 2, 3 e 4, a fig. 1 representa a história em sua complexidade aparentemente insuperável. O que Marx “fez”? Fez a fig 2 e daí, na fig. 3, semicírculo à esquerda, lançou a expressão “**infraestrutura econômica material**”, que articula “*forças de produção*” (lento progresso linear tecnológico em torno do setor *campesino* – agrícola – e do setor *militar* – mecânico, essencialmente – até há cerca de 300-200 anos; daí em diante, progresso ultra veloz a partir da Revolução *Industrial* capitalista, via tecnociência e via fantástica urbanização) e “*relações de produção*” (sucessivos “modos de produção” que por certo tempo são o motor do progresso das forças produtivas até começar a travar

este próprio progresso: está na hora de uma revolução que levará a novo modo de produção, progressista até que chegue sua vez de decadência e assim por diante). Este é o lado da extrema **simpli-  
cidade** da teoria do MH. No semicírculo a direita colocou todas as outras disciplinas, despejando aí tudo que sobrou de extrema complexidade na história. Se ficássemos nesse nível não haveria grandes vantagens nessa teoria. Chegamos então a fig. 4. Vê-se que a seta ali representada sai do lado esquerdo, isto da extremamente simples *infraestrutura econômica*, e se dirige a extremamente complexa *superestrutura não-econômica*. Aí está simbolizado que o lado esquerdo, simples, do mundo da história, **determina** totalmente ou em larga escala o lado direito, muito complexo, do mundo histórico, que **não** tem uma dimensão ou história *autônoma*. Trata-se, conforme Marx e Engels, do chamado **primado**, em “última instância”, da economia sobre o restante emaranhado superestrutural.

Outras theories do séc. XIX e do séc. XX reproduzem este padrão geral das três theories aqui abordadas: é a era das grandes e “simples” theories científicas ou “grandes narrativas”, ainda em curso.



# Kurt Helmut

Carioca, morador de Niterói, negro, 61 anos. Escreve desde de 1976, sempre usando o pseudônimo Truck Tumleh. Participa de inúmeras atividades culturais: saraus, recitais, jornais, programas de rádio e tv, concursos literários, apresentando-se também em bares e praças públicas. Foi convidado, algumas vezes, para o CEP 20.000, com curadoria do poeta Chacal. Desde 1988 tem um site, [www.kurt.com.br](http://www.kurt.com.br). Sempre antenado com o que rola de projetos de poesia no Estado do Rio, Kurt sempre está à procura de espaços para apresentação de sua poética. Preocupado com a ecologia, com as pessoas e tudo que interfere na natureza, o poeta usa seu olhar observador de forma lírica, suave e doce. E assim, expõe a poesia que transpira da sua vivência cotidiana.



MAR

Sinto dentro do corpo

um mar de sentimentos.

Tento canalizá-lo

para garganta

e expressá-lo em palavras.

Não consigo.

É muita água...

É muito sentimento...

Peço que entenda mais,  
do que possa perdoar.

Você não imagina  
o que sinto  
quando esse mar  
que carrego entra em ressaca.

Truck Tumleh  
[www.kurt.com.br](http://www.kurt.com.br)



## CLARIDADE

Já subi tantas ruas e ladeiras,  
entre casas, biroskas e barracos...  
Desci por várias escadas, elevadores e rampas  
de morros, edifícios e “shopping”...

Soltei pipas e passarinhos,  
rodei pião e roletas...  
Buli bola de gude,  
chutei bola de pano...

Vi um circo pegar fogo,  
sou minhoca da terra que respiro,  
enquanto o tempo  
branqueia a minha cabeça  
e amadurece o meu pensamento...

Truck Tumleh

[www.kurt.com.br](http://www.kurt.com.br)



EM TEMPOS DE 1ª PESSOA

Nas rimas eu remo  
nas concordâncias eu acordo  
nas vírgulas eu entro  
nos pontos eu paro.

## ALFARRÁBIOS XIII

Nas exclamações eu me inibo  
nos travessões eu me solto  
nas interrogações eu me pergunto  
nas reticências eu me calo.

Truck Tumleh

[www.kurt.com.br](http://www.kurt.com.br)

## ARRAIAL

No arraial do meu sentimento:  
meu coração é a fogueira,  
meus olhos bandeirinhas,  
meus sonhos balões...

E no bolso  
de quem leva o correio do amor,  
deixo uma única frase:  
eu ainda te amo.

Truck Tumleh

[www.kurt.com.br](http://www.kurt.com.br)

# Lili Balonecker

*Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); especialista em Literatura Infantojuvenil pela Universidade Federal Fluminense (UFF); graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - Bacharelado e Licenciatura. Atua na Secretaria Municipal de Educação de Niterói onde coordena a equipe de Promoção da Leitura. Lili é poeta, escritora, contadora de histórias.*



## Sapatos

Lantejoulas reluzem nos azulejos azuis. O velho e o novo. Penso em seus olhos que ainda brilhavam mesmo você estando tão distante, sua pele tão marcada pelo tempo. Você não me reconhecia mais. Não se lembrava dos domingos amarelos em que fazíamos piquenique no parque. Não lembrava que me empurrava no balanço, das tranças que dedilhava em meus cabelos, da alfazema que pingava na ponta dos dedos e me perfumava os pulsos. É impossível sentir esse cheiro e não lembrar de você, daquela casa com varanda, das almofadas coloridas que todos diziam que não combinavam e você nem ligava. Cada uma de uma cor diferente. Quanto mais colorido, melhor, você me dizia enquanto sorria e arrumava as almofadas, cada qual em um canto dos sofás. Admirava seu jeito autêntico e verdadeiro, sempre firme nas palavras. Nunca te disse isso, mas toda vez que eu me via em uma situação difícil, lembrava do seu jeito de enfrentar os problemas e tentava fazer igual. Na maioria das vezes funcionava, sabia? No final das contas,

tudo sempre dá certo, é o que dizem. E o jeito calmo com que você me olhou naquela tarde chuvosa me faz pensar que a vida sempre tem razão. E a gente fica ansiosa e se desespera à toa. Eu vivo aprendendo e desaprendendo essa lição. E por falar em aprender, quero te contar uma coisa. Eu estava arrumando as suas gavetas e encontrei uma fotografia. Era uma foto que focava somente os seus pés. E eu sei que eram seus pés porque encontrei no armário os mesmos sapatos que resplandeciam na fotografia. Isso mexeu muito comigo, você não imagina como! Essa fotografia me removeu por dentro. Tanto, tanto, que, saindo de lá, fui direto para uma academia e me matriculei na aula de dança. Era um desejo que estava embrulhado em papel de seda escondido bem no fundo da cômoda. Nunca é tarde para aprender, é o que falam por aí. Vou te contar um segredo. Meu sonho sempre foi seguir seus passos. Queria dançar e dançar até me tornar leve e bonita como o vento, mas tinha medo de não ser suficientemente boa, tão esplêndida quanto você, e acabar frustrando a expectativa de todo mundo. Nunca me permiti um passo. Não ia saber lidar com o fracasso. Acabei enterrando o sonho, por puro medo. Medo de não ser tão boa, de não agradar, da comparação, de você se decepcionar comigo. Ao ver os seus sapatos, parece que uma música tocou aqui dentro e remexeu tudo em mim. A gente é tão boba de deixar de seguir nossos desejos pensando na reação dos outros, não é? Você, com toda a sua firmeza, certamente nunca abriria mão de um sonho por causa da opinião alheia. Queria tanto ser como você. Mas eu de certa forma trabalho com o movimento também. Só que não sou artista. Não tenho a capacidade de deslumbrar as pessoas, como você fazia. E seu encanto era tanto, que até hoje ainda lembram de você. Não sou só eu que te tenho amor. Toma, eu te trouxe uma flor.



# Marco Valença

Marco Valença é poeta, compositor,  
fotógrafo.

[www.marcovalenca.com](http://www.marcovalenca.com)



## OLHOS QUE ABRAÇAM

gosto de sentir  
os olhos que abraçam  
que vem da alma ao corpo  
que veem além do espaço

o bem querer é lindo  
é um amor não findo  
o renascer do todo  
reúne pedaços

\*

## ALFARRÁBIOS XIII

### VIRTUDE

às vezes não compreendo  
mas não recrimino  
algumas atitudes

certamente não me entendo  
já não sou menino  
com aquela saúde

\*

### RELUTAR

eu não reluto  
pois o pesar nunca é o mesmo  
independente  
da resignação ou susto

eu não reluto

## ALFARRÁBIOS XIII

pois que o combate é constante

unhas e dentes

não sou herói nem prostituto

\*

## TÃO CERTO ASSIM

nesta noite

de amor máximo

e solidão profunda

tudo transborda

o absurdo sobra

nesta noite

muda

muda para outro dia

pleno de fascínios

repleto de esplendores

e rio e falo e grito

ALFARRÁBIOS XIII

cisco mil vezes meus cílios  
para espelhar meus olhos  
com raios e cores

esta noite  
mesmo nublada  
e sem lua bela  
ainda que o dia  
amanhã esconda o sol  
e chova  
e muito

maior é o meu dever  
de amar sempre e súbito  
porque todos nós  
vamos morrer  
sem querer  
mas súditos

\*

ALFARRÁBIOS XIII

**POETOPATA**

já matei alguéns  
nem com palavras  
somente com silêncio

\*

**MEU MUNDO É DIFERENTE**

qualquer dia  
não poderei cantar  
mas vou com suavidade  
lhe cobrar  
as canções que você  
não fez pra mim

todo dia  
não por vingança  
ou falta de fé  
com tranquilidade

ALFARRÁBIOS XIII

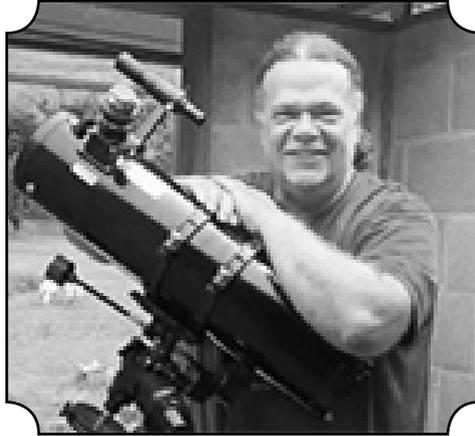
vão me brotar  
as canções que eu  
não fiz pra você

para o nosso  
colosso grande  
e imenso  
amor ou desamor

hoje noto  
eu posso ser pequeno  
pois a saudade  
é gigante



# Renan Santos



## Astronauta

O homem se prepara por décadas, estuda cada detalhe, segue planejamentos rígidos e pega um foguete que vai se despedaçando em módulos no caminho até chegar a uma estação espacial onde consegue contemplar a terra em sua plenitude.

Está distante 350Km e orbita a uma velocidade média de 27.000 Km/h, onde consegue ver o planeta fazer 15 voltas por completo em um só dia, lembrando que dentro da estação a concepção de tempo se dá apenas por instrumentos. Esse astronauta vê o planeta de longe e exerce sua função de pesquisador na

tentativa de trazer resultados científicos relevantes ao progresso e desenvolvimento dos seres humanos que habitam aqui nessa linda bola azul.

Traçando um paralelo com nosso dia-a-dia terráqueo e perturbador, a ideia do distanciamento me faz refletir o quanto somos parecidos com o astronauta da estação espacial, pois muitas vezes procuramos nos afastar do caos para acharmos nossas soluções interiores.

Quantas vezes não fazemos um planejamento para atingir a tranquilidade e pegamos um foguete poético que vai se despedaçando em ideias até chegar a um lugar onde podemos contemplar de longe o que nos afeta, e a partir daí, exercendo nossa função primordial de sobrevivência, trazemos algum resultado satisfatório, uma solução ou quem sabe, uma alegria interior ainda que rara.

Devemos lembrar que, embora indesejado, o caos é a mola mestra necessária para o crescimento e desenvolvimento de qualquer ser vivente do planeta e até fora dele. No caos do universo, nuvens de poeira e gás dão início ao crescimento de uma nova estrela.

Seja como o cientista em suas fórmulas e experiências, o astrônomo suas com descobertas que trazem o céu para a terra, os músicos interpretando e materializando ideias com vibrações e ritmos, ou qualquer um com sua particular aptidão, não importa o que você faz, faça com a criatividade.

A criatividade organiza e harmoniza o caos, é como se trouxesse algo novo a partir do que já existe. Inventa formas e com isso pode criar soluções. É como se a criatividade pudesse enfileirar todos os questionamentos de uma maneira organizada onde afastados podemos visualizar de longe novos cenários.

# Renata Barcellos

pós-doutora em Língua Portuguesa pela UFRJ e professora de escolas da rede de ensino pública do Rio de Janeiro e da UNICARIOCA. Sou associada ao Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos ☐ CIFEFIL - membro da Academia de Letras de Fortaleza ☐ ALAF - da Academia de Letras Paranapuã - ALAP ☐ da União Brasileira de Escritores ☐ UBE ☐ da Associação de jornalistas e escritoras do Brasil AJEB/RJ ☐ colunista do Portal Jornal Sem Fronteiras (<http://www.redesemfronteiras.com.br/>) e do Programa Encontro Mercado com a cultura na BAND AM 1306 (pauta Educação). É coautora da **Gramática contextualizada** (2016) e de antologias e autora de vários artigos acadêmicos e de livros como **Itens de análise linguística no novo ENEM e no Saerjinho, de Alma Dilacerada, de Barcellos em prosa e verso e de Barcellos e Viana: um encontro**.



## Educação na contramão

Há mais de 50 anos, a educação básica tornou-se um direito garantido pela Constituição. As leis são:

- “Obrigatoriedade de 4 anos no ensino primário” (Lei 4024/1961);
- “Progressiva extensão da escola primária para 6 anos” (Plano Nacional de Educação de 1962);
- “O ensino dos sete aos quatorze é obrigatório para todos e gratuito nos estabelecimentos primários oficiais” (Constituição/1967);
- “o ensino primário é obrigatório para todos, dos sete aos quatorze anos, e gratuito nos estabelecimentos oficiais” (Emenda Constitucional/1969);
- “O ensino de 1º grau será obrigatório dos 7 aos 14 anos. (Art. 20 da Lei 5692/1971);

Com elas, duas grandes políticas públicas foram responsáveis pelo avanço da educação brasileira: a universalização do ensino básico, garantia da matrícula de toda criança na escola, e o sistema de avaliação do ensino, as provas externas. Nacionalmente, há a Prova Brasil (dois anos, o desempenho de alunos do 5º e do 9º ano em português e matemática) e, especificamente, no Rio de Janeiro, **Conhecer**, antes denominada de SAERJ. Os exames devem ser aplicados não só para mensurar o desempenho (o domínio ou não das diversas competências e habilidades) para a composição do principal indicador de qualidade da educação do país: o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) como também para treinar / preparar o aluno para as avaliações externas como o Enem.

No que se refere ao resultado da Prova Brasil, segundo matéria da revista Época, “mais de 65% dos alunos brasileiros no 5º ano da escola pública não sabem reconhecer um quadrado, um triângulo ou um círculo. Cerca de 60% não conseguem localizar informações explícitas numa história de conto de fadas ou em reportagens. Entre os maiores, no 9º ano, cerca de 90% não aprenderam a converter uma medida dada em metros para centímetros, e 88% não conseguem apontar a ideia principal de uma crônica ou de um poema”. Esse resultado é alarmante. E nos leva a seguinte reflexão: como os conteúdos têm sido trabalhados? qual a metodologia adotada e a qualidade do conteúdo? dentre outros questionamentos.

Quanto aos Institutos Federais de educação, ciência e tecnologia, referência em educação profissional no Ensino Médio, o projeto de Lei nº 11.279/2019, modifica medida que determina que 50% das vagas dos Institutos Federais sejam destinadas aos cursos técnicos de ensino médio, prioritariamente na forma integrada, entre outras mudanças. Atualmente, a lei de criação dos IF's (11.892/2008) estabelece no seu artigo 7º, inciso I, que um dos seus objetivos é “ministrar educação profissional técnica de nível

médio, prioritariamente na forma de cursos integrados, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos” (BRASIL, 2008). No entanto, o PL propõe: “ministrar educação profissional técnica de nível médio, para os concluintes do ensino fundamental e para o público da educação de jovens e adultos”. Vale dizer que a integração do ensino médio com a educação profissional e tecnológica é o que distingue a excelência dos Institutos Federais em relação a outras escolas do ensino médio. Há um exemplo disso na esfera Estadual: o Colégio Estadual José Leite Lopes (NAVE – Núcleo Avançado em Educação – parceria do público com o privado: Rede Estadual e Oi Futuro) no qual são ofertados dois cursos: Multimídia e Programação de jogos. Projetos esses que precisam de investimento do espaço físico, de equipamentos e de capacitação do docente constante. Já quanto ao discente, este precisa ter perfil para estudar em uma instituição diferenciada como esta e as IFs. Para além disso, urge a implementação de um currículo nacional comum as redes, públicas e privadas, a fim de indicar o conteúdo a ser construído pelo aluno em cada etapa da escola.

No mês de abril deste corrente ano, a revista Exame publicou uma matéria na qual revelava haver 36 universidades brasileiras entre as melhores do mundo. Dentre elas estão: USP, UNICAMP, UFRJ, UFF, UNB e UFMG. Entretanto, isso não foi garantia para medidas orçamentárias na área educacional como o anúncio do Ministério da Educação (MEC) de um corte de 30% no repasse às universidades e institutos federais (dentre eles, o tradicional Pedro II). Diversas instituições de todo o Brasil já constataram bloqueio de valores. Na maioria delas, comprometerá o pagamento de contas como água, energia elétrica, serviços de limpeza e aquisição de materiais. Três instituições federais (UFF, UFBA e UnB) foram as primeiras sob a alegação de “balbúrdia” nos campus por dois motivos: presença de sem terra e aluno pelado em festas.... Com as mobilizações nas diversas

instituições em repúdio à ação, outros critérios estão sendo cogitados como o desempenho na produção acadêmica e o impacto dos cursos no mercado de trabalho. Vale lembrar que, por exemplo, a UFF ficou no ranking (apresentado acima) entre as 36 melhores do país.

E outro fator a ser destacado é a aprovação da Emenda 95 a respeito do congelamento dos investimentos públicos por 20 anos, direcionados à educação e à saúde. Entre outras consequências, está a inviabilização do cumprimento das metas previstas no Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014, com o compromisso de universalizar o atendimento de crianças e adolescentes em idade escolar. Na contramão do que se pretendia, as matrículas do ensino médio tiveram queda de 2,5% no ano passado. Atualmente, há cerca de 1,5 milhão de jovens de 15 a 17 anos fora da escola, segundo o Censo da Educação Básica de 2017, divulgado pelo MEC no fim de janeiro. Esse dado é alarmante. É preciso investigar os motivos pelos quais abandonam a escola.

Mediante este atual cenário, as últimas medidas são nefastas na área educacional. Compromete toda a formação do cidadão (desde a educação básica ao ensino superior). Sem condições estruturais, formação do professor e a implementação de um currículo único (mas apresentando especificidades adequadas a cada realidade), não haverá ensino de qualidade. E, por consequência, o índice de evasão escolar aumentará drasticamente. Esses três fatores são essenciais para a formação da criança, do adolescente e do jovem. Sem eles, como construir uma nação sem educação, sem cidadão consciente, crítico? Urge uma mobilização nacional em prol dos direitos à EDUCAÇÃO de QUALIDADE!!! Impostos são pagos e devem ser investidos para que não ocorra um colapso na área educacional. As instituições de ensino precisam resgatar sua importância social: local de construção de conhecimento, de convívio social... A Educação não pode ser alvo de desmonte!

# Rubermária Sperandio

Mineira, formada em Comunicação Social e mestre em Mídia, Política e Cultura pela UFMT. Foi professora, assessora parlamentar e de comunicação em Mato Grosso. Vive há cinco anos no Rio, onde fez vários cursos de literatura e de Edição, Revisão e Preparação de Originais. Trabalha como preparadora de originais de literatura e de textos acadêmicos. Tem vários contos e poemas publicados em revistas e antologias. Publicou em março de 2019 o livro de poemas Matrioskas.



## S o l e d a d e

Fim de expediente.

Ela está em trapos. Joga sobre a cama os restos de carne que lhe sobraram para cobrir os ossos. As molas do colchão dão seus últimos rangidos. Foi-se o último vampiro, noite adentro. Acende um cigarro juntando as oito notas de cinquenta. Poderia ser melhor se tivesse conseguido abrir a veia para, ao menos, mais dois sanguessugas, mas já está ficando velha. Amarra as notas em um elástico. Todo cuidado é pouco com aquele sangue derramado que vai lhe desbotando as faces a cada dia. Não tem nenhuma reserva de vida. Nada lhe espera. Muitas lembranças também se foram neste espaço onde não cabe nem o tempo marcado. Muitos minutos são golpeados pelas horas. Não tem nada escrito. Nunca terá. Só aquela fotografia. Cinco centésimo de um segundo, é a sua história. Já está desbotando também. Do território onde distribui suas

sesmarias, todos os dias, olha um pouco para aquela imagem, uma menina de cinco anos, descalça, vestindo apenas uma calcinha para economizar roupa e sabão, brinca na terra. O vento penteia seus cabelos. No final do dia, ficava toda enlameada, disso nunca esquece. Ela sorri, é o primeiro entre os gemidos do dia. Gostaria de voltar ao barro. Poderia vir a ser uma panela, outra cadela, ou, quem sabe,



Andorinha

estruturas metálicas

a cidade é feita de aço

aço e energia

energia do homem

homem de aço

para homens de ferro

lacaio da arma dura

armadura

de ouro

de prata

e também de lata

que mais cedo ou mais tarde

a ferrugem mata.

# Spírito Santo

Músico e pesquisador e escritor, estudou teoria musical em curso dirigido pelo Maestro Guerra Peixe. Projetista de Arquitetura formado pelo Senai, Escritor, Artesão e Arte educador.



Fragmentos quase diários de um incidente infelizmente verídico. Início da década de 1990. Viajava semanalmente para o interior. O destino era sempre as cercanias de Vassouras, aprazível cidade histórica no sul do estado. Antigas fazendas dos tempos áureos do café, histórias do tempo da escravidão, cultura negra, tradicional, num paraíso de memórias, lendas e histórias, que quase ninguém havia parado para registrar.

Paz de espírito, quase férias no campo.

A vida, no entanto, não andava assim tão mansa. Precisava de mais trabalho. Foi assim que decidi, sem muito sofrimento, aceitar um serviço que me pareceu, a princípio, pra lá de interessante: Estimular a cultura local em duas favelas do Rio, atendidas por um plano de reflorestamento de encostas promovido pelo governo. O contrato, assumido com uma empresa de reflorestamento de outro estado, dizia mais ou menos o seguinte:

“Promover a articulação comunitária, as boas relações entre a obra de reflorestamento, seus engenheiros e a comunidade em geral, ajudando inclusive a arregimentar os operários que, selecionados entre os desempregados das comunidades atendidas pelo programa, roçariam, plantariam e revigorariam a vegetação

local, que fazia parte da degradada e outrora exuberante Mata Atlântica.”

A empresa havia tentado reflorestar as áreas alguns meses antes, trazendo camponeses reais de sua sede, no outro estado, mas, a inexperiência ao negociar com os traficantes e as acusações de que os camponeses estariam submetidos a um regime de trabalho escravo, acabou gerando um escândalo na imprensa que obrigou á paralisação das obras e contratação de especialistas locais, daqui do Rio de Janeiro, para intermediar a situação. Era aí que eu entrava, com o pomposo título de Coordenador de Articulação Cultural.

O contexto era simples de entender: A ocupação desordenada das encostas por parte das favelas, um problema crônico do Rio de Janeiro (que talvez tenha começado já no século 19, bem antes da Abolição da Escravatura), destruiu quase que completamente a vegetação que cobria a cadeia de serras e morros que circundam a cidade. A água de chuvas torrenciais, muito habituais na região, sem nada que as retivesse, com o desgaste do tempo, passou a descambar morro abaixo, inundando praças e ruas. Rios de esgoto, lixo, ratos mortos, dejetos de toda espécie, além de um fedor insuportável, escorriam junto, como se o saco de mazelas sociais (aqui estranhamente empurradas para o alto), geradas pelo descaso de mais de um século, estourasse, deixando à mostra as suas incômodas entranhas.

Mergulhar numa aventura sociológica infecta, porém, bem remunerada, não seria nada mau àquela altura. A aventura no entanto pouco durou. Acabou de forma estúpida, abrupta poucos meses depois.

Ontem por acaso, bisbilhotando velhos papéis do tempo em que nem tinha ainda um computador, encontrei rascunhos esparsos do que seria o meu último e mais franco relatório, o que não tive coragem de concluir (quanto mais de entregar). Os rascunhos são fragmentos de alguns incidentes esparsos, os mais importantes entre os que ocorriam diariamente, a maioria presenciada in

loco, os quais, por razões óbvias, relato cuidadosamente a vocês, ainda hoje sem poder me aprofundar muito em certos detalhes.

Vistos agora, distanciados no tempo, estes fragmentos talvez possam ajudar a lançar alguma luz sobre a atual situação da violência urbana no Rio de Janeiro, e de como ela evoluiu para o insuportável ponto no qual se encontra.

Entre os envolvidos (a maioria morta nos poucos meses em que a história durou) apenas o autor poderá ser identificado. São personagens anônimos, mesquinhos, miseráveis as vezes, outras vezes cobertos de uma inusitada aura de dignidade, quase humanidade, vislumbrada de relance em alguns poucos gestos nobres.

Nesta crônica sem nenhum charme ou poesia, não há nenhum herói presente ou ausente, é só sangue inutilmente derramado sem nenhuma bravura, sem nenhuma comenda merecida.

### **Uma crônica suja.**

#### **Fragmento #1**

#### **Um Morro sem Prazeres**

Na chegada, havia ainda um pouco de honrosa adrenalina animando a missão que se iniciava mas, a nossa entrada no campo de batalha até que não foi lá muito apoteótica.

A do pessoal da véspera foi. Até demais. Como num verdadeiro ‘desembarque na Normandia’ eles foram recebidos com um enorme foguetório e uma comitiva de recepção furiosa que, assoando de sopetão num barranco, apontou dezenas de revólveres e fuzis de última geração, como se a favela fosse um braço de praia (ou um Iraque) invadido.

É que os engenheiros que faziam o papel de precursores do contato com os líderes comunitários do local, presunçosos como

sempre, haviam decidido na última hora, sem que nem por que, trocar o Fiat verde escuro, combinado como senha com os traficantes, por um Fiat branco. Faltou muito pouco para serem metralhados, estropiados por uma saraivada de balas. Quase viraram esta estrepitosa notícia de jornal:

” ENGENHEIROS DO GOVERNO ESTADUAL ASSASSINADOS POR TRAFICANTES EM EMBOSCADA!”

Desta escaparam.

Não vi a cena, mas, me contaram que o sujeito que comandava o grupo de traficantes, desceu correndo do barranco com uma automática prateada levantada e passou uma constrangedora descompostura no engenheiro, que se dizia chefe dos precursores, todos funcionários de um órgão do governo estadual.

— “Você quer morrer, seu filho da puta? Tá pensando que nós é o que, Mané? Tem respeito não, é? Da próxima vez já sabe... Passamo o cerol!”

Ficou muito claro naquele momento quem é que realmente era o chefe de alguma coisa por ali.

Conosco não foi assim. Graças a Deus. Equipe mínima: apenas eu, o motorista e uma engenheira florestal. As regras do protocolo foram seguidas á risca, até a hora da chegada foi cronometrada: 10 hs., em ponto, o Fiat verde estacionou no local combinado, o pátio em frente a associação de moradores. Desembarcamos um pouco tensos, suando frio, com as mãos, exageradamente, à vista, longe da cintura, quase para o alto.

Não demorou muito para que um menino descalço voltasse acompanhado por um mulato baixinho e bem falante, de cerca de trinta anos de idade, que se apresentou oferecendo a mão esquer-

da e escondendo discretamente a direita que, podemos perceber, era meio atrofiada.

—'Bom dia! Sou o presidente da associação. De dia sou o José Antônio da Silva, de noite eu sou o Zu!'

Zu? Nome sinistro, não? O que ele queria dizer com isto? Um nome de dia outro de noite? Dava para intuir, certo? Zu acumulava funções: De dia o abnegado líder comunitário. De noite, o implacável chefe do tráfico local.

A mão oferecida era mole, gelada. Aperto de mão não era definitivamente uma especialidade dele. Não lhe apetecia. Gentil, em poucos minutos contou tudo que achou que nos interessava e nos levou para mostrar o que lhe interessava: As instalações da associação, um prédio de dois andares imundo, a quadra de esportes em frente, a creche em construção.

Apresentou também alguns estranhos funcionários: Uma mulher trintona e sestrosa, responsável pela creche e uma figura que, pelo jeito que se expressava, era semi-alfabetizada, mas, que talvez por gostar muito de ler, havia sido incumbida de tomar conta da pobre e poeirenta biblioteca, composta, quase que exclusivamente, por livros didáticos superados, desconjuntados e romances medíocres, fruto de edições encalhadas, refugio de sebos. Quase lixo.

A mulher trintona era sexy, de uma beleza muito insinuante, ainda visível sob o 'leg' que lhe apertava as banhas que já se avolumavam. Quando entramos no úmido e escuro salão onde se realizavam os bailes Funk, ela e Zu trocaram afagos de mão e ironias sensuais, fingindo que nos ignoravam. Ele, querendo talvez exibir de antemão o seu status de garanhão do morro, de Galo do pedaço. Ela, pretendendo, com toda certeza, mostrar o seu poder de concubina do rei. Nos dias seguintes muitas mulheres, algumas adolescentes ainda, desfilaram para nós neste ritual de exibição do seu status de cortesãs.

—” Passa lá depois, bem. Você some... Depois vai reclamar. Vem um gavião ai e, ó... Vai ficar chupando dedo. ” Dizia uma.

—” Que chupando o que? Que nada... só se o gavião for maluco ...” Respondia Zu seguro de seu poder de galo em seu terreiro, de sultão vingativo.

No harém do sultão Zu só quem não se exibia era a Ném, a verdadeira mulher do cara. Uma figura que parecia não caber naquele contexto. Trancinhas afro, discurso articulado, despachada e empreendedora, Ném embolava completamente a análise que eu fazia do ambiente. Não entendia ela ali. Era sinal trocado, enviesado.

Nem era bem novinha. Ali pelos seus 23, 24 anos. As trancinhas afro não eram um look comum em mulheres de favela naquela época. De jeito nenhum. O look dos 90 das tchutchucas era mais a chapinha, o henné, algo que formasse madeixas lisas como as de Withney Houston. Trancinhas afro era coisa de nega fina, universitária, militante de movimento negro, feminista, estas coisas. E era exatamente este o discurso de Ném que, logo que fomos apresentados, me mostrou, numa folha de papel meio amassada, as linhas programáticas que compunham o seu plano de montar uma Ong para captar fundos para a Associação de moradores do Morro dos Prazeres.

A prioridade era a creche. Me falou do padre italiano que ajudava a comunidade e de um dinheiro que poderia vir de uma congregação católica alemã se a Ong tivesse os papéis em dia.

É claro que achei aquilo tudo com pinta de uma tremenda armação, mas, as trancinhas da Ném não combinavam com armações. Sabe como é? Orgulho racial e armação, num contexto violento como aquele, de regras e protocolos de honra tão rígidos...

O fato é que fui me envolvendo inteiramente na empolgação de Ném. Aceitei o rascunho de um estatuto que ela me deu, pedindo que eu fizesse uma breve tradução em alemão, para ser mostrada ao padre.

Zu olhava de banda mas parecia apoiar aquele esforço da sua concubina preferida. A esposa, como ele dizia. Parecia estar honestamente solidário com ela, por amor, por remorso, por algum resquício de humanidade que sobrara nele. Quem saberá?

Ném me passava seriedade mas e Zu? Traficante com responsabilidade social? Um cara com duas automáticas na cintura, comandando um bando de famigerados bandidos com AR15, AK47 e, como diziam, outros ‘bicos’?

Não. Era melhor não viajar muito nesta maionese de Robin Hood tropical.

Na visita seguinte Zu fez questão de me apresentar o padre. Conversei rapidamente com ele. Era um padre normal, militante, a história da Ong, do estatuto e da verba possível, parecia ser fato.

Subi com Zu para o segundo andar da associação, seu escritório. Ele me ofereceu uma carreira de pó. Recusei gentilmente mas ele ficou constrangido (muito estranho ver um sujeito como Zu, constrangido). Sentiu vontade de me contar particularidades suas, não sei por quê. Não perguntei nada mas ele cismou de dizer:

— ” Não gostava de pó não. Comecei aqui, nesta vida. Não tô viciado ainda não. Acho que, quando quiser posso parar. Só não posso é parar com esta vida. Já avancei demais nela. Agora... ”

Havia sido guarda ferroviário. Vinha da Baixada Fluminense. De policial corrupto, expulso da corporação acabou virando miliciano de um grupo de justiceiros da Baixada (um dos embriões das milícias que agora infestam o Rio de Janeiro). Um dia um amigo de fé, ex-policial como ele, já envolvido até o pescoço com o crime organizado, o convidou para integrar a tropa do Terceiro Comando que invadiria o Morro dos Prazeres, que pertencia na ocasião ao Comando Vermelho. Topou.

Fizeram uma bárbara carnificina no local e tomaram a favela. O amigo morreu ou se escafedeu. Zu acabou assumindo com o irmão o comando das ‘bocas’ do local.

### ALFARRÁBIOS XIII

Sáimos para dar uma volta pelo morro. Pensando que eu era engenheiro, Zu queria me mostrar os postes de luz de vapor de mercúrio que havia instalado na larga rua que, subindo por um lado do morro, passava em frente a um casarão abandonado, perto da associação.

—”Os ‘Cu-de-galinha’ dos alemão (os inimigos da facção rival) podem subir por aqui mas agora, se subirem a gente vê eles e aí é só metralhar... Vão morrer na praia. Que é que tu acha? Tá bacana a gambiarra?”

Disse que sim, que estava maneira. Como dizer que não?

# Tânia Ribeiro Roxo

Nasceu em Niterói, é jornalista, poeta e apaixonada por fotografia. Seu livro de poesias, intitulado *Sopro*, foi lançado em julho de 2017, pela Editora Autografia. A obra reúne 25 fotos e 24 poemas.

Em 1992, participou do 1º ENCONTRO DE POETAS DA CIDADE, na Faculdade de Educação da UFF - Universidade Federal Fluminense.

Desde agosto de 2016 organiza eventos literários em Niterói, através do projeto *Literatura na Varanda*. Os encontros são trimestrais e se dividem em rodas de conversas sobre a obra de autores consagrados, lançamento de livros e música ao vivo. As datas comemorativas como o DIA DO ESCRITOR e O DIA NACIONAL DO LIVRO também são comemoradas em eventos específicos.

Foi premiada na categoria Poesia, no II Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói), alcançando o 3º lugar com a obra *SEDE DE ANIL*, em outubro de 2016.

Teve o poema *ATO DE DESESPERO* incluído na antologia *GRITOS CONTIDOS*, promovida pelo Prêmio Coruja Escritora, em fevereiro de 2017.

Em setembro de 2017, participou da XVIII Bienal do Livro, o maior evento literário do país, nos dias: 03 (lançamento do livro *Sopro*) e 09 (debate na mesa: Poesia em toda Parte). Colaborou com a revista virtual da Academia Niteroiense de Letras (A.N.L.), na seção *Pensarte*, ano 11 – nº 4 - out./nov./dez. de 2017. Site: <http://www.academianiteroiense.org.br>

Em outubro de 2017, teve a obra *FAMÍLIA-VI* selecionada em 7º lugar no III Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro Literário da Região Oceânica de Niterói). Foi classificada em 2º lugar no IV Festival de Contos e Poesias do CLARON (Centro

## ALFARRÁBIOS XIII

Literário da Região Oceânica de Niterói), com o poema CALÇADA, em setembro de 2018.

O poema O BÁU DE VIRGINIA obteve o 8º lugar no I Concurso Diário da Poesia, em 2018.

Participou dos fanzines Epitaphio e Alfarrábios (pela Editora Armazém de Quinquilharias e Utopias). Organizou a antologia poética POEzine, em novembro de 2018, pela mesma editora, com 52 poetas.



### **Recomeços infinitos**

O papel em branco.

As linhas vazias.

E um bloqueio.

A escrita não fluía.

Nenhuma frase.

Nenhuma ideia.

Às vezes nos deparamos

Com papéis em branco

E linhas vazias

Em nossa vida.

O que fazer numa situação dessas?

Deixar fluir qualquer emoção,

Pensamento,

Sentimento?

Entre um bloqueio e outro

Uma pausa.

A vida necessita de pausas.

Retrocessos.

O que vem depois não importa.

A fluidez da vida pode ser

Interrompida.

Quantas vezes foram necessárias?

Recomeços infinitos.

# Tchello d'Barros

O escritor e artista visual Tchello d'Barros dedica-se desde 1.993 à Literatura e Artes Visuais. Sua produção textual em contos, crônicas e poemas está publicada em mais de 50 livros (coletâneas, antologias e didáticos). Suas obras visuais já participaram de cerca de 150 exposições, entre coletivas e individuais, no Brasil e Exterior. Além de coordenar a exposição individual, itinerante e retrospectiva de Poesia Visual “Convergências”, tem realizado editorias independentes, curadorias para exposições e oficinas literárias.

[tchello@ufrj.br](mailto:tchello@ufrj.br)

[tchellodbarros.wordpress.com](http://tchellodbarros.wordpress.com)



Foto-divulgação de Vanessa Angelo

**“Ideogramas Ocidentais”**

Em meados da década de 1.990, em meus exercícios de Poesia Experimental, iniciei alguns procedimentos para criar nanopoesias a partir de monossílabos, em alusão às palavras curtas e onomatopeias dos primórdios da fala humana. Reza a lenda que nossa oralidade teria se iniciado com imitações dos sons da natureza, com fonemas curtos, a maioria de uma sílaba. A partir deste conceito, foram surgindo os primeiros textos, cuja grafia revelou-se ao menos visualmente próxima dos ideogramas do oriente, como os conhecemos. O desafio consistia em encontrar possibilidades para o fenômeno poético a partir da escassez de recursos linguísticos, ou seja, do limitado número de palavras monossilábicas - ou de poucas letras - em nosso idioma.

As primeiras séries foram publicados no opúsculo “Olho Nu”, que se tornou um livro em edição posterior. Depois esses textos verticais passaram a integrar a exposição de Poesia Visual “Convergências”, que já foi exposta em mais de 10 Estados no Brasil. Ao longo destes 25 anos de carreira, a série – por seu efeito imagético – já foi exposta e publicada em diversos suportes, desde calendário, estampa serigráfica, gravura, além das ocupações, como a das colunas da estação de trens em Maceió; as faixas de 4 metros de altura na ocupação do último andar da Western Union, em Recife, o cenário em faixas de vinil p/ a performance-instalação “Outra Jaula Para Pound” em Belém; a projeção em grandes dimensões em um prédio da Av. Paulista, no FILE em São Paulo; a projeção em Mapping nos corpos do elenco e como cenário virtual na peça teatral “Memórias de Fogo”, no Rio de Janeiro, entre outras.

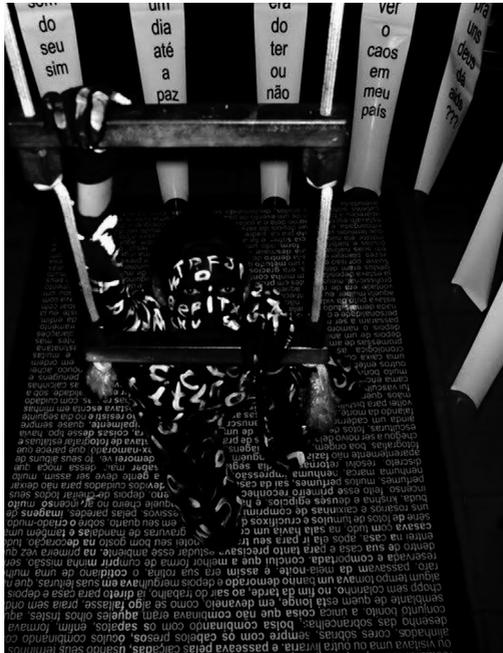
Tais “Ideogramas Ocidentais” constituem uma obra em progresso e até o momento já somam mais de 100 dessas construções linguísticas, que na falta de uma categorização mais apropriada vem sendo chamadas de escrita expandida, poemínimos, micropoesias etc. No presente, além de uma pequena série ter sido utilizada na performance “O Uivo”, numa parceria c/ o cantor lírico Laffayette Alvarez Jr (RJ), estão agora sendo adaptados para um projeto inédito de Poesia Sonora, que será divulgado em breve. Por enquanto, um aperitivo deste novo trabalho, agora aqui no Alfarrábios.



# ALFARRÁBIOS XIII



Em formato de tapete na exposição no CCJF (Rio de Janeiro)



Cenário-Instalação para a performance  
Outra Jaula para Pound (Belém)

## ALFARRÁBIOS XIII



Projeção na peça teatral Memórias de Fogo (CCBB e CCJF)



Na exposição retrospectiva na Biblioteca Nacional em Brasília.

# Thina Curtis

## Dama da Noite

Uma intensa nostalgia no meu pequeno jardim

cheio de pedras, espinhos, folhas secas, flores semiabertas

Uma leve fragrância outonal

Eu espectro

Em meio as sombras observo o crepúsculo até surgirem os primeiros raios de sol no horizonte

Todo seu ritual

Ali eu dama da noite, solitária

Também anoiteço

Eu

No silêncio

Intenso da minha alma

Resisto ao desafio de sobreviver na metrópole

Registro minhas crônicas cotidianas

Em singelas folhas de papel

Minhas abstratas Impressões.

## Feiticeira Escalarte

Poeta Errante

Marginal, Sufragista, Beatnik

Melancólica vive de luto

Pura resistência

Vive e carrega no peito aflições

Em sua mente

Entes

Que se foram outros que ainda precisam de um refugio

Sobrevivente a menina que foi um dia

Em guerra

carrega em suas cicatrizes Inspiração

Rebelde em suas veias correm sangue ardente

Mulher entusiasta Latente

Seu corpo é matéria bruta

Seu espírito um templo

Seu nome

Feiticeira Escarlata

Flâmula

Natureza em fúria.

## **Epitáfio**

Cessaram minhas palavras

A esperança fenece dentro de mim

Sinto me tão sozinha

Minha companhia são alfarrábios velhos em uma estante rústica

Uma sala fria

Uma comoda com gavetas emperradas

Folhas gastas e rabiscadas

Cartas, fanzines, fotografias antigas e memórias um jazigo de histórias

Meus pensamentos e lamentos

Minhas memórias.



# WAGNER NYHYHWH



## O ASSASSINATO DA PIA SUJA

Eram 3 pias, uma ao lado da outra, naquele banheiro daquele escritório. Orleans gostava de escovar os dentes sempre no mesmo horário, logo após voltar do almoço. Tinha preferência em usar a pia do canto, mas sempre a encontrava imunda, coberta de restos de comida e resíduos, um nojo. Assim, usava outra, disputando com outros funcionários que escovam os dentes naquele horário. Ficava revoltado, se perguntando quem seria o pulha sugismundo que não tinha respeito pelos outros usuários. A seguir, chegava Kellyanno, que também preferia escovar os dentes na pia do canto e ficava chocado ao se deparar com aquela sujeirada, mas acabava por limpar a pia e a usava. Os horários de almoço de Kellyanno variavam um pouco, em alguns dias chegava para escovar os dentes um pouco antes de Orleans, mas ainda depois da passagem do porcalhão. Desta forma, limpava toda a imundície deixada na sua pia favorita e a usava. Nesses dias, ao entrar no banheiro, Orleans percebia Kellyanno utilizando a pia, aquela pia que sempre encontra imunda. Deve ser ele o porcalhão, pensava.

Certo dia, ao se dirigir ao banheiro para sua higiene bucal, Orleans encontra Kellyanno no corredor de acesso, também se dirigindo ao banheiro. Filho da puta. Hoje não. Chega de emporcalhar a pia.

Orleans saca sua arma nova, que acabara de adquirir legalmente aproveitando as novas regras facilitadoras para compra de armas. Dispara tantos tiros quanto a quantidade de porcarias que via todos os dias na pia, até descarregar a munição.

Kellyanno morreu. Orleans foi preso. E a pia segue suja.



### UMA ESTRANHA SENSAÇÃO DE BEM ESTAR

Você sai de casa correndo. Já perdeu hora pro primeiro compromisso do dia. Pega o ônibus lotado. A viagem transcorre em câmera lenta. Em cada rua um engarrafamento. É cedo ainda e sua carga de stress já está elevadíssima. Depois de algum tempo, a pessoa sentada à sua frente se levanta para descer. Você verifica se há alguma idosa ou idoso para ceder o lugar. Como não percebe ninguém, se senta. O prefeito atual é uma aberração, mas decretou uma medida muito boa. Acabou com os lugares preferenciais para idosos. É boa porque todos os lugares passam a ser preferenciais, sem lugares especiais marcados. Assim, idosas e idosos podem e devem sentar em qualquer lugar que escolherem. Você sempre achou que todos deveriam ceder o lugar. Sem a desculpa “não estou no lugar reservado então não preciso levantar”. Você também sempre achou que é um dever ceder o lugar não apenas para idosos, mas para qualquer pessoa que aparente alguma fragilidade ou dificuldade de permanecer em pé. Na verdade, ninguém deveria ficar em pé dentro de ônibus. Afinal, cinto de segurança não é obrigatório nos carros, para qualquer percurso? E a seguran-

ça nos ônibus? Como se admite viajar em pé? Qualquer acidente em um coletivo lotado é fatal. Você nota a jovem, aparentemente saudável, mas parece estar com dificuldade para manter o equilíbrio nas freadas e curvas, meio que tombando pros lados. Você se levanta. Quer sentar? Não, obrigado. Tudo bem, vou descer. Ela senta, e você percebe nesse movimento que ela manca de uma perna. De fato está com algum problema na perna, imperceptível num primeiro momento. Você na verdade não vai descer nos próximos pontos. Apenas um argumento para ceder o lugar sem constrangimentos. Você segue a longa viagem no bus, que continua lotado. Mas o stress passou, foi superado por uma estranha sensação de bem-estar.



Entrevista exclusiva com Vossa Excremência Sr. Super Ministro:



-Vossa Excremência Sr. Super Ministro, qual a solução para o nosso amado país?

-Reforma da previdência, pra acabar com os privilégios desses vagabundos comunistas.

-Só isso?

-Não. Depois vamos privatizar tudo para enriquecer nossos amigos empresários batalhadores.

-E depois?

-Depois vou curtir minha fortuna nos States e vocês que se explodam.

Não perca. Na próxima edição, mais uma super entrevista com Sua Excresmência Ilustríssima Sr. Meio Ministro do Ambiente: “A Floresta Amazônica nunca existiu, era invenção desses marxistas mentirosos do Ibama”.



# Winter Bastos

Autor do livro de crítica literária “Malandragem, Revolta e Anarquia: João Antônio, Antônio Fraga e Lima Barreto” (Ed. Achiamé, 2005). Recebeu menção honrosa no IX Conc. Municipal de Conto – Prêmio Pref. de Niterói (2011), tendo seu texto incluído em antologia publicada pela Ed. Niterói Livros; menção honrosa no 7º Prêmio UFF de Literatura (2013), resultando na publicação de seu conto em antologia publicada pela EdUFF; 1º lugar (em 2016), 2º lugar (em 2017) e 7º lugar (em 2018) no Festival de Contos do Centro Literário e Artístico da Região Oceânica de Niterói; 10º lugar no Concurso Bram Stoker de Contos de Terror (2018). Faz o fanzine O Berro ([oberrofanzone@gmail.com](mailto:oberrofanzone@gmail.com) – caixa postal 100.050, Niterói, RJ, CEP 24020-971). Mantém o blogue Expressão Liberta ([www.expressaoliberta.blogspot.com.br](http://www.expressaoliberta.blogspot.com.br)). Tem coluna no tabloide cultural Diário da Poesia. Escreve na revista Contra Legem e no jornal político-cultural Transversus. Publica críticas literárias mensalmente na página eletrônica Homo Literatus (<https://homoliteratus.com/>).



## Volume

(Por: Winter Bastos)

*Hoje, sentado na poltrona da sala, sei que toda a casa é minha; minha pequena caixa de madeira. Só eu tenho acesso a ela. Ninguém pode penetrar no meu mundo.*

– Estou grávida.

– Ah , meu Deus – disse enfiando as mãos pelos cabelos.

Notando o ar de tristeza da namorada diante de sua reação, continuou:

– Vai ser um sufoco, mas é uma surpresa maravilhosa.

*Na poltrona da sala, sinto o tempo passar com lentidão e olho o líquido preto espumar no copo: refrigerante de cola. Mas que diabo é cola? Esse tipo de pergunta me fazem no trabalho. Eu analiso e digo o que é. Quase sempre consigo. As misturas são feitas de substâncias; as substâncias, de elementos; os elementos, de moléculas, feitas de átomos. Mas não preciso ir tão longe. Não preciso mas quero, ora essa. Elétrons, prótons, nêutrons, de que são formados? A essa altura já estão me cobrando a análise de outra porcaria qualquer. Exame de urina, fezes.*

No dia do casamento, o noivo chegou à igreja muito cedo. “Assim, pelo menos, garanto que mais nada dê errado.” A sogra já estava ali:

– Ah, meu filho, bom que você já veio! É horrível quando o noivo aparece em cima da hora. É aquele constrangimento a noiva ficar esperando um tempão na entrada da igreja, uma coisa muito chata. Mas eu sabia que você não era desses. É um rapaz responsável, respeitador.

E a sogra continuava a falar.

*Olhando o copo de refrigerante, penso em minha mulher. Ela sempre me ajeita a gravata quando estou saindo para o trabalho, que merda!, eu sei me arrumar. A gravata já está boa, não precisa mexer, eu digo. Ela mexe. Meu filho, quando pequeno, ficava agitando a mão em despedida bem antes de eu sair. Hoje*

*ele não é mais um menino, mas só o vejo como filho assim, criança. Hoje ele é um estranho que anda pela casa, estuda, vai à faculdade, não me diz nada. Quando pirralho, perguntou: Pai, o que é cosseno?*

*A mãe disse que um “minininho” não precisava pensar nisso. “Minininho” é o caralho – eu mandei ela ir à merda e ensinei um pouco de geometria pro garoto. Ele ficou triste com minha grosseria e não entendeu muito bem as explicações. Você é burro – eu disse – igual à sua mãe. O moleque nunca mais fez perguntas, pelo menos não para mim. Garoto chato, mulher insuportável. Não sei o que seria de mim se não fosse a minha caixa, a caixa de madeira que guardo ali atrás dos livros da estante. É a única coisa só minha nesta vida, e que não me cobra explicações de nada.*

*Bebo refrigerante, levanto-me e vou à cozinha. Pego a cafeteira, devagar. Quero tudo bem lento. Mais e mais lento até parar. Nunca mais família. Nunca mais filho ou mulher. Só eu. Ah, que bom. Como é bom ver acordado o silêncio e o nada, o branco teto da sala. Segunda-feira nunca chegaria e eu ficaria sempre neste fim de semana. Ah, que ótimo estar só.*

– É um lindo menino – disse a enfermeira.

Ouvindo isso, com orgulho de pai, tirou um charuto do bolso e o acendeu. Todos se alegraram. Ao notar o sogro olhando-o fumar, pensou “Só falta esse velho vir reclamar da fumaça”. Não demorou muito, veio a enfermeira:

– Desculpe, mas não é permitido fumar aqui.

*Ponho café no copo. Misturo refrigerante. Olho as borbulhas subirem. Tenho de me manter acordado e aproveitar ao máximo cada instante. Que é instante? É o menor intervalo*

*temporal que o cérebro consegue perceber. O tempo depende da mente. O fim de semana pode não terminar nunca, pode demorar dias, meses, anos.*

- Ei , amor, não vai tomar banho?
- Estou atrasado.
- E meu beijo?
- Tenho pressa, mulher.

*Caminho cambaleante até à sala, sento-me e olho o relógio de parede. Levo o copo aos lábios e dou um, dois, três goles. Faz umas trinta e seis horas que estou aceso. Eles só vão voltar segunda-feira, ou domingo à noite. Até lá vou saborear cada minuto, cada segundo, cada instante longe daquela mulher e do garoto. Sim, garoto, porque perto de mim ele será sempre pequeno. Não adiantam livros, não adianta nada. Não adianta ele ser paparicado pela mãe, afinal ela é minha mulher, minha. E ele é só o filho: saiu aqui de dentro do meu saco, não pode nunca ser mais que eu. Até para ir à casa dos primos ele leva livros. Idiota. Nada disso adianta.*

No trabalho, enquanto esperava na fila do saguão, ficou olhando a recepcionista beber água: corpo curvado sobre o bebedouro, lábios que sugavam, vestidinho curto, as pernas...

- Droga, perdi o elevador.

*Olhando o relógio de parede sinto os números nublarem e sorvo um gole maior do café. O ponteiro grande se move, as pálpebras pesam e o tempo passa. Por mais que eu não queira ele passa, em cada marcação do relógio ele flui, minuto a minuto.*

*Levanto-me, atravesso a sala, tiro alguns livros da estante e atrás deles pego o pequeno baú. Lembro a combinação do*

*cadeado: trezentos e cinquenta, é o volume em mililitros que cabe numa garrafa pequena de refrigerante. Minha mulher sempre me perguntava o que eu escondo aqui na caixinha, mas que mulher chata. Um dia gritei bem na cara dela: eu-guardo-cocaína-nessa-porra-de-baú! e ninguém tem nada com isso, ouviu?, se você mexer no meu baú, quebro sua cara!*

*Daquele dia em diante me senti bem melhor. Meu baú. A casa podia até ser dela também, mas o baú era só meu. Às vezes, quando chegava do trabalho, ia cheirar, bem no quarto, só para provocá-la. No máximo ela murmurava que aquilo fazia mal, que eu ainda ia ter um ataque cardíaco, mas não passava disso.*

*Seleciono a combinação do cadeado, está difícil abri-lo: dedos doloridos, sonolência.*

– Aniversário de quê?

– Não se lembra?

– De quê?

– Do nosso casamento, insensível.

– Ah, mulher, você sabe que eu nunca liguei para essas coisas. É só uma data.

– Nosso aniversário de casamento não é só uma data.

– Olha, acho melhor a gente parar com esse papo que eu já estou cheio.

*Quase adormeço em cima do baú. Mas não, não quero dormir. Minhas mãos formigam, olhos ardem. Pego o espelho, ponho cocaína sobre sua superfície, formo fileiras e sigo aspirando-as. Matar o sono, matar. Aspiro. Várias fileiras de pó. Sinto o coração bater forte, doer. Curvo o corpo para trás. Meu Deus, como dói. Arregalo os olhos e trinco os dentes. O coração.*

## ALFARRÁBIOS XIII

*Quero gritar. Meu corpo estremece no chão. Sinto o gosto de café subir à boca e o líquido preto me escorrer pelo queixo, borbulhante. Engasgo e meus olhos se nublam. A vista escurece: é uma onda negra que vem. Abro bem os olhos e espalho mais pó sobre o espelho.*

